

NOS PASSOS DE SÃO JOÃO

Coleção **NOS PASSOS DE...**

Autor: Luiz Alexandre Solano Rossi

Nos passos de Maria

Nos passos de Pedro

Nos passos de Abraão

Nos passos de Moisés

Nos passos do profeta Jeremias

Nos passos de Jesus

Nos passos de São João

Nos passos de São Lucas

Nos passos de São Marcos

Nos passos de São Mateus

LUIZ ALEXANDRE SOLANO ROSSI

NOS PASSOS DE SÃO JOÃO



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*
Assistente editorial: *Cristiane Barbosa Cardoso*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Preparação do original: *Caio Pereira*
Coordenação de design: *Elisa Zuigeber*
Capa e diagramação: *Júlia Cardoso Nascimento*
Imagem da capa: *iStock*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rossi, Luiz Alexandre Solano

Nos passos de São João / Luiz Alexandre Solano Rossi. - São Paulo : Paulus, 2023.
(Coleção Nos passos de...)

ISBN 978-85-349-5244-6

1. Bíblia. N.T. João I. Título II. Série

23-5531

CDD 226.5

Índices para catálogo sistemático:
Bíblia. N.T. João



Conheça o catálogo PAULUS acessando:
paulus.com.br/loja, ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5244-6

APRESENTAÇÃO



O objetivo de São João ao escrever o Evangelho era cristológico, e não, necessariamente, a evangelização. Para ele, o mais importante era o aprofundamento e o fortalecimento do discípulo e da discípula de Jesus para viver integralmente o sentido da fé e o projeto de Jesus. Por isso, assim ele se expressou: “Estas coisas foram escritas para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham vida em nome dele” (Jo 20,3).

No Evangelho de São João, encontramos uma espiritualidade exuberante, e, por isso, ele não se limita a registrar leis e fatos. Porém, ao falar em espiritualidade, não devemos pensá-la como algo que nega a materialidade e produz alienação. João nos mostra uma espiritualidade profundamente integrada na vida, e, por causa disso, encarnada, e que assume a história como local privilegiado para viver o projeto de Jesus. São João, para falar de Deus, não se utiliza de termos teológicos abstratos. Em sua teologia e espiritualidade, Jesus é Deus que se encarnou na história humana, isto é, ele entra na história e faz história com a humanidade. No Evangelho, podemos confirmar claramente essa percepção: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1,14). Nas páginas do Evangelho, encontramos o chão da vida das comunidades, e é possível perceber que cada palavra, cada experiência é fruto de um ambiente comunitário. No Evangelho de São João, pode-se afirmar, existe uma comunidade de discípulos e discípulas de Jesus florescendo e dando frutos.

O autor do quarto Evangelho não é uma pessoa estranha à comunidade – dela faz parte, e, por isso, sente-se por ela responsável. Podemos perceber facilmente a relação próxima do autor com sua comunidade na forma de escrever – ele escreve usando a primeira pessoa do plural. Vejamos apenas dois exemplos: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória” (Jo 1,14), e “Em verdade, em verdade lhe digo: falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos” (Jo 3,11). A tradição diz que o autor é o apóstolo João, irmão de Tiago. Uma das tradições mais antigas traz o testemunho de Irineu no ano 180, quando dizia: “João, o discípulo do Senhor, aquele que se reclinou sobre o peito, também ele editou o Evangelho, enquanto residia em Éfeso da Ásia”.

Nos passos de São João convida cada um dos leitores a se aproximar do Evangelho com um coração de discípulo ou discipula, e a viver um Evangelho encarnado, humano e amoroso. Serão trinta dias olhando para a vida de Jesus a partir da ótica de São João, e, assim, ao final desses múltiplos olhares, redirecionar nossos olhares, como discípulos missionários de Jesus Cristo, a fim de reconstruir nossas vidas e comunidades, fundamentados no amor doador e de serviço desinteressado. Se Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito, os discípulos e discipulas também são desafiados a dar a vida uns pelos outros. É, de fato, nessa dimensão do amor que São João nos desafiará a viver.

1º dia
ILUMINAÇÃO



¹No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus, e a Palavra era Deus. ²No começo ela estava voltada para Deus. ³Tudo foi feito por meio dela, e, de tudo o que existe, nada foi feito sem ela.

⁴Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

⁵Essa luz brilha nas trevas, e as trevas não conseguiram apagá-la. ⁶Apareceu um homem enviado por Deus, que se chamava João. ⁷Ele veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. ⁸Ele não era a luz, mas apenas a testemunha da luz. ⁹A luz verdadeira, aquela que ilumina todo homem, estava chegando ao mundo. ¹⁰A Palavra estava no mundo, o mundo foi feito por meio dela, mas o mundo não a conheceu.

¹¹Ela veio para a sua casa, mas os seus não a receberam. ¹²Ela, porém, deu o poder de se tornarem filhos de Deus a todos aqueles que a receberam, isto é, àqueles que acreditam no seu nome. ¹³Estes não nasceram do sangue, nem do impulso da carne, nem do desejo do homem, mas nasceram de Deus.

¹⁴E a Palavra se fez homem e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade. ¹⁵João dava testemunho dele, proclamando: "Este é aquele, a respeito de quem eu falei: aquele homem que vem depois de mim passou na minha frente, porque existia antes de mim". ¹⁶Porque da sua plenitude todos nós recebemos, e um amor que corresponde ao seu amor.

¹⁷Porque a Lei foi dada por Moisés, mas o amor e a fidelidade vieram através de Jesus Cristo.

¹⁸Ninguém jamais viu a Deus; quem nos revelou Deus foi o Filho único, que está junto ao Pai. (Jo 1,1-18)

O hino que serve como prólogo ao Evangelho de João não remete à genealogia de Jesus como esperaríamos e encontramos nos Evangelhos de Mateus e de Lucas. No entanto, São João conduz o leitor para um tempo muito anterior à cronologia com que estamos acostumados, a eternidade anterior à criação. É dessa forma que se explica a relação da Palavra com a criação, sua encarnação na história humana, a fim de que o Pai fosse conhecido, assim como a resposta humana para essa revelação. Os temas que aparecem no prólogo são essenciais para compreender os capítulos seguintes do Evangelho: vida, carne, luz, trevas, testemunho, mundo, verdade, glória, crer e recusa são expressões essenciais no Evangelho de São João. A expressão “no princípio” remete a um tempo anterior à criação, e repete a frase inicial do livro de Gênesis, estabelecendo um forte vínculo entre o prólogo de João e o relato da criação. O texto bíblico enfatiza a existência eterna da Palavra e a comunicação entre esta e Deus. Além disso, a Palavra é o agente de Deus na obra criadora. Todas as coisas devem sua existência a ela. A luz da Palavra brilha em meio às trevas, e elas não podem derrotá-la. Para São João, as trevas representam a ordem pecadora e incrédula que se opõe a Deus e à sua revelação. Quem vive nas trevas rejeita o projeto de Deus e anula a possibilidade de ser ele mesmo uma luz ao dar frutos para o Reino. Assim, é possível dizer que os discípulos e discipulas de Jesus também são chamados a ser luz numa sociedade que vive nas trevas, longe do projeto de Deus. A luz verdadeira que ilumina o mundo e espanta a noite sombria da alma pertence à esfera da comunhão eterna, ao lado do Pai. Também é muito claro o contraste criado por São João ao comparar Jesus e João Batista: a Palavra existe eternamente com Deus, e João Batista é um ser humano que se relaciona com Deus; a Palavra/Verbo é agente criador, e João Batista é criatura, e, por isso, este se relaciona com Deus como seu enviado, e não como seu igual. “E a Palavra se

fez carne e habitou entre nós” emprega um vocabulário que evoca a tenda do tabernáculo no deserto, símbolo da presença de Deus e lugar da revelação de sua glória. Na palavra encarnada, a presença de Deus habitou entre seu novo povo, e sua glória se manifestou. A história é, definitivamente, invadida por Deus, e nela a história dos homens e mulheres há de ser novamente construída. A história é o lugar do encontro com Deus, e, por isso, jamais podemos negá-la ou, ainda, nos alienar dela. Na encarnação, Jesus não assume apenas a história do mundo, mas também a história de cada pessoa. E, no seguimento do Jesus encarnado, faz-se necessário que se viva o projeto do Reino de Deus para que a luz continue a brilhar na noite sombria da alma.

Oração

Lágrimas são gotas douradas, recolhidas por Deus,
para povoar o céu de estrelas.

2º dia ILUMINAÇÃO



*29*No dia seguinte, João viu Jesus, que se aproximava dele. E disse: “Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo. *30*Este é aquele de quem eu falei: ‘Depois de mim vem um homem que passou na minha frente, porque existia antes de mim’. *31*Eu também não o conhecia. Mas vim batizar com água, a fim de que ele se manifeste a Israel”. *32*E João testemunhou:

“Eu vi o Espírito descer do céu, como uma pomba, e pousar sobre ele. *33*Eu também não o conhecia. Aquele que me enviou para batizar com água, foi ele quem me disse: ‘Aquele sobre quem você vir o Espírito descer e pousar, esse é quem batiza com o Espírito Santo’. *34*E eu vi, e dou testemunho de que este é o Filho de Deus”. As testemunhas apontam o Salvador

– *35*No dia seguinte, João aí estava de novo, com dois discípulos. *36*Vendo Jesus que ia passando, apontou: “Eis aí o Cordeiro de Deus”. *37*Ouvindo essas palavras, os dois discípulos seguiram a Jesus. *38*Jesus virou-se para trás, e, vendo que o seguiam, perguntou:

“O que é que vocês estão procurando?”. Eles disseram: “Rabi (que quer dizer Mestre), onde moras?”.

*39*Jesus respondeu: “Venham, e vocês verão”.

Então eles foram e viram onde Jesus morava.

E começaram a viver com ele naquele mesmo dia.

Eram mais ou menos as quatro horas da tarde.

*40*André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram as palavras de João e seguiram a Jesus.

*41*Ele encontrou primeiro o seu próprio irmão Simão, e lhe disse: “Nós encontramos o Messias (que quer dizer Cristo)”. *42*Então André apresentou Simão a Jesus. Jesus olhou bem para Simão e disse: “Você é Simão, o filho de João. Você vai se chamar Cefas (que quer dizer Pedra)”. (Jo 1,29-42)

O Evangelho de São João mostra o testemunho de João Batista a respeito de Jesus: ele é o Filho de Deus e o Cordeiro que tira o pecado do mundo. Ao fazer uso da palavra “cordeiro”, o Evangelho de João procura salientar um projeto alternativo àquele proposto pelo sistema religioso da época. Jesus é o cordeiro de Deus que coloca um fim ao sistema religioso que procurava perdoar os pecados através da multiplicação de sacrifícios. Deus tratar do pecado de Israel por meio do sacrifício não era novidade naquele momento; o inesperado era afirmar que Deus estava fazendo a provisão para o perdão dos pecados de todo o mundo. O sacrifício de Jesus é o do “último cordeiro”. A partir dele e de seu sacrifício, já não haveria mais a necessidade dos sacrifícios no templo. Em relação à multiplicação de sacrifícios e sua continuidade por toda a história, o Evangelho de João afirma que o sacrifício do cordeiro de Deus é suficiente. De certa forma, o texto bíblico promove uma forte crítica ao templo, que havia se transformado numa grande máquina econômica, através da ritualização dos sacrifícios. João Batista possui clara consciência de quem é, bem como de sua vocação, mas sabe também quem é Jesus e qual missão este desenvolverá. Por isso, Jesus passou à frente dele, e existia antes dele. De modo algum João Batista se apresenta como sendo mais do que representa; ele enfatiza a origem divina de Jesus, bem como a presença do Espírito Santo neste. Para São João, é importante ressaltar que o Espírito permaneceu sobre Jesus, especialmente por causa da unção temporal do Espírito sobre alguns indivíduos do Antigo Testamento. E o Evangelho nos apresenta João Batista com dois de seus discípulos. Um deles é André, e o segundo não tem sua identidade revelada. E, num determinado momento, quando Jesus cruza o caminho deles, imediatamente João Batista o identifica, pronunciando: “Eis o Cordeiro de Deus”. Tais palavras foram suficientes para que ambos os discípulos

de João deixassem de segui-lo e fossem atrás de Jesus. O próprio João encaminhou seus discípulos para Jesus. Iniciam-se um novo jeito de ser discípulo e um novo projeto de vida a ser vivido. Diante da pergunta de Jesus: “O que vocês estão procurando?”, ouve-se a resposta: “Onde vives?”. A expressão “onde vives”, ou, em outra tradução possível, “onde permaneces”, traduz a ideia de permanecer com Jesus como discípulo, como membro de uma comunidade. E eles permaneceram com Jesus durante todo o dia até a décima hora, quatro horas da tarde. André se tornou um evangelizador da primeira hora e, logo após encontrar seu irmão, Simão Pedro, anunciou-lhe que havia encontrado o Messias – fazendo uma verdadeira profissão de fé –, e o conduziu até onde Jesus se encontrava. Possivelmente, o autor do Evangelho utiliza o termo “messias”, na língua dos judeus, para acentuar a realização da expectativa de Israel; entre parênteses, ele traduz a expressão, para os leitores que falam grego – “que quer dizer Cristo”, o unguído. E Simão, no encontro com Jesus, recebe um novo nome e uma nova missão. “Cefas” é um nome eminentemente aramaico e é traduzido como “pedra”. Dessa forma, desde o encontro com Jesus, Pedro assume a missão de ser a pedra que dará firmeza à Igreja. É interessante observar que, no Novo Testamento, Pedro era conhecido tanto pelo apelido grego quanto pelo aramaico. Por exemplo, em 1Cor 1,12, Paulo o chama de Cefas.

Oração

A fé é a mais clara manifestação de que podemos caminhar, mesmo em meio à noite escura da alma.

3º dia
ILUMINAÇÃO
✪✪

¹No terceiro dia, houve uma festa de casamento em Caná da Galileia, e a mãe de Jesus estava aí.
²Jesus também tinha sido convidado para essa festa de casamento, junto com seus discípulos.
³Faltou vinho, e a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não têm mais vinho!”. ⁴Jesus respondeu: “Mulher, que existe entre nós? Minha hora ainda não chegou”. ⁵A mãe de Jesus disse aos que estavam servindo: “Façam o que ele mandar”. ⁶Havia aí seis potes de pedra de uns cem litros cada um, que serviam para os ritos de purificação dos judeus. ⁷Jesus disse aos que serviam: “Encham de água esses potes”. Eles encheram os potes até a boca. ⁸Depois Jesus disse: “Agora tirem e levem ao mestre-sala”. Então levaram ao mestre-sala. ⁹Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha. Os que serviam estavam sabendo, pois foram eles que tiraram a água. Então o mestre-sala chamou o noivo ¹⁰e disse: “Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora”. ¹¹Foi assim, em Caná da Galileia, que Jesus começou seus sinais. Ele manifestou a sua glória, e seus discípulos acreditaram nele. (Jo 2,1-11)

Maria pode ser considerada a discipula das discipulas. Ela assume o discipulado como estilo de vida, e, assim, seus gestos, suas palavras, seus sentimentos, seu jeito de ser-viver-fazer estão direcionados para o próprio Jesus. Maria é a mãe de Jesus, mas também se apresenta como sua discipula. Ela vive para Jesus não apenas porque ele é seu filho, mas porque é sabedora de que ele é o Filho de

Deus e o Salvador do mundo. Dessa forma, a primeira das discípulas dá o tom do que vem a ser o verdadeiro discipulado: fazer a vontade de Jesus. Muitos cristãos desejam a vida de Cristo sem o discipulado. Querem tudo que Jesus pode dar, desde que não haja o seguimento, a obediência e o compromisso. Na verdade, amamos Jesus e tudo que ele faz por nós, mas nos incomodamos com aquilo que ele nos manda fazer. A expressão de Maria revela-nos uma verdade singular: Jesus sempre se apresenta, na relação conosco, como Senhor, e, conseqüentemente, deveríamos fazer tudo que ele nos ordenar. Às vezes, temos a tendência, e, em muitos casos, a pretensão, de inverter essa situação e, dessa forma, nos apresentar como aqueles que determinam o que Jesus pode ou não fazer em relação a nós. Queremos a plenitude de Jesus em nós, mas temos dificuldade de nos dedicar completamente a ele; desejamos seus milagres, desde que isso não comprometa nossa vida. A espiritualidade vivida por Maria segue numa direção oposta à nossa e, por isso, indica o bom caminho pelo qual devemos viver o discipulado. Para ela, o discipulado é a marca que distingue o verdadeiro do falso discípulo. Nesse sentido, a obediência e o desejo de servir se apresentam nela como elementos que a tornam uma discípula por excelência. Obediência e serviço estão impregnados na maneira com que Maria vivia. São como irmãos gêmeos que indicam a melhor maneira de ser e fazer discípulos. Algo que chama a atenção, na vida de Maria, é que ela está sempre presente nos momentos decisivos da vida de Jesus. Dessa forma, ela se encontra ao lado dele em Caná – quando ele faz seu primeiro milagre –, e também se encontra junto à cruz –, ao final da missão dele. Nos principais e mais cruciais momentos de sua vida, Jesus podia contar com a força e o carinho de sua mãe. Sabia que os olhos dela o estavam acompanhando, e, certamente por causa disso, era tomado por grande poder e energia. A presença da mãe lhe tranquilizava o coração e passava

um sentimento de confiança. Momentos decisivos todos nós vivemos. Situações que exigem muito de nós e que, por isso mesmo, nos deixam um tanto inseguros. Diante dessas situações, podemos ter a certeza de que a boa mãe estará nos acompanhando. Os olhos puríssimos de Maria estarão voltados para nós, a fim de transmitir segurança e conforto para a melhor decisão. Maria esteve com Jesus tanto no primeiro quanto no último momento. Sua presença abrange todo o tempo e todo o espaço. Do início ao fim, Maria nos acompanha. Não há situações, dias, locais nos quais não possamos sentir a presença de Maria nos acompanhando. Em meio às situações que nos constroem, é necessário acreditar que ao nosso lado está alguém que nos acompanha a todo instante e, o mais importante, que não nos abandona. Crer na presença de Maria nos impele a confiar que, em todas as situações que vivemos – por mais alegres ou críticas que possam ser –, ela estará ao nosso lado, seja celebrando a vitória que obtivemos, seja enxugando as lágrimas dos nossos olhos e nos consolando com seu amor materno e eterno.

Oração

Fica decretado que nenhuma dor jamais sufocará a intensidade do amor que a tudo cura.